

## Editorial

**A** sociedade humana trilha e segue a sua trajetória de forma natural, marcada por avanços e descobertas nos diversos campos da ciência, de forma dinâmica e permanente. Os resultados das investigações somam-se ao acervo acumulado, configurando-se como o maior patrimônio da humanidade. O acervo científico, historicamente formado, é o mais valioso bem e se constitui em mecanismo que assegura a evolução e novas conquistas, como também, a própria permanência do ser humano no planeta.

É consensual, inclusive entre cientistas de matrizes ideológicas conflitantes (clássicos e marxistas), que o acervo existente de conhecimentos acumulados, tem o poder de potencializar a melhoria da qualidade de vida das populações, reduzir o sofrimento humano e acabar a miséria no mundo, se o saber for gerido e socializado democraticamente.

Entretanto, a posse do conhecimento e o saber sistematizado têm custo e conferem poder e riqueza, daí se distribuem nas mãos das sociedades mais ricas, as hegemônicas, donas dos principais centros de produção tecnológica do mundo. Tais sociedades se apresentam como as principais proprietárias das patentes, as donas das marcas famosas, as sedes das transnacionais. Como consequência, a posse do saber, do conhecimento, das tecnologias fica limitada a um grupo restrito, com gestão mediada por capital de dimensão elevada. A grande maioria das nações periféricas fica à margem do processo, atuando como consumidoras impossibilitadas de promover a socialização.

Por outro lado, também se reconhece que as bibliotecas dos Centros de Pesquisas, das Universidades e outras instituições abrigam, nas suas estantes e memórias de seus computadores, resultados de pesquisas, relatórios de investigações, relatos de experiências que poderiam ajudar, substancialmente, para erradicar a pobreza absoluta nos diversos quadrantes, mediante o incremento de tecnologias

na produção de alimentos. Acumulam produção científica capaz de contribuir para reduzir o sofrimento no campo da saúde humana, como também ampliar a produção de insumos e gerar bens e serviços de forma geral. Entretanto, os conhecimentos, as informações não são divulgadas, não são socializadas e acabam ficando de uso restrito; e a população que necessita desses recursos e precisa da informação e das ferramentas tecnológicas não tem acesso para colocá-las em prática. Portanto, cria-se um descompasso entre a produção do conhecimento e a sua função social: são obtidos resultados, mas esses não são socializados.

Assim, é nesse contexto que se insere um dos principais desafios da extensão universitária: contribuir para a socialização do conhecimento, o saber sistematizado e fazer a informação chegar aos carentes, os mais necessitados, de modo a favorecer meios para a transformação social. E é com este compromisso que foi produzida esta edição da Revista Focando a Extensão, a qual reúne cinco artigos, construídos com o propósito de democratizar a produção acadêmica no campo da extensão.

Os trabalhos apresentados nesta edição foram produzidos por professores e alunos da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC e de outros centros acadêmicos, contemplando as áreas temáticas no campo da educação, tecnologia e saúde. São relatos que registram experiências e ações desenvolvidas, materializados em resultados que demonstram esforços e contribuições, passivos de discussão e reaplicação.

Finalmente, a equipe editorial, externa agradecimentos aos autores dos artigos, como também, aos pareceristas pela valiosa colaboração, cujo trabalho permitiu a construção desta revista.

Dr. Raimundo Bonfim dos Santos  
*Editor*